



A INTERPRETAÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO RECURSO PARA COMPREENDER O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

Rodrigo Tedesco¹
Damschi, Maria da Graça²
Gregol Steinhorst, Jussieli³

RESUMO

Este artigo investiga a interpretação do desenho infantil como instrumento para compreender o desenvolvimento emocional de crianças em idade escolar e refletir sobre a prática pedagógica docente. O objetivo central é compreender como a leitura do desenho infantil pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança no contexto escolar. Partindo de referenciais teóricos, como Vygotsky, Luquet e Lowenfeld, buscou-se analisar de que modo a produção gráfica revela percepções, vivências e aspectos subjetivos do sujeito em desenvolvimento. Trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa, realizado em uma escola pública rural dos anos iniciais do Ensino Fundamental, envolvendo 20 alunos, 14 professores e a professora regente. Foram utilizados como instrumentos uma atividade de desenho baseada no método HTP adaptado ao contexto escolar, um questionário com professores e um relato da professora regente sobre os alunos cujos desenhos foram analisados em profundidade. Os resultados indicaram que os desenhos refletem não apenas o estágio evolutivo da expressão gráfica, mas também elementos afetivos, relações familiares, modos de interação e formas de interpretar o mundo vivido. As percepções docentes revelaram reconhecimento do potencial do desenho como linguagem expressiva, mas também lacunas na formação para interpretá-lo em sua dimensão emocional. Conclui-se que o desenho constitui uma ferramenta pedagógica e psicológica potente, capaz de auxiliar o professor na compreensão integral do aluno e de sustentar práticas educativas mais sensíveis, intencionais e individualizadas.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Desenho infantil. Emoções. Educação. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a importância da interpretação do desenho infantil como recurso significativo para compreender o desenvolvimento emocional das crianças. O desenho, enquanto linguagem simbólica, possibilita à

1 Graduando em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ampère – FAMPER. E-mail: rodrigo.tedesco@aluno.famper.edu.br

2 Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ampère – FAMPER. E-mail: maria.damschi@professor.famper.edu.br

3 Docente Mestre da Faculdade de Ampère – FAMPER. E-mail: jussieli.gregol@professor.famper.edu.br

criança expressar emoções, percepções e experiências que muitas vezes não são verbalizadas em sala de aula, constituindo-se em um instrumento valioso para a prática pedagógica. Assim, compreender essas produções gráficas é essencial para a construção de práticas educativas mais sensíveis e humanizadas.

Historicamente, a educação concentrou-se no ensino de conteúdos curriculares e na mensuração de resultados objetivos, deixando em segundo plano as manifestações subjetivas e emocionais dos alunos. Contudo, com os avanços da Psicologia do Desenvolvimento e da Pedagogia, reconhece-se que o desenho pode revelar aspectos profundos do mundo interno da criança, funcionando como ponte entre suas vivências emocionais e o olhar do educador.

Para Vygotsky (2001), toda expressão simbólica da criança é mediada pela cultura e pelas relações sociais, o que reforça a importância do desenho como canal de comunicação e de interpretação pedagógica. Autores como Lowenfeld e Brittain (1977) destacam que a produção gráfica infantil acompanha o desenvolvimento psicológico e afetivo, sendo possível identificar, por meio da análise de cores, formas, proporções, texturas e temáticas, indícios de bem-estar ou de sofrimento emocional.

Nesse sentido, a sensibilidade do professor em interpretar essas manifestações pode transformar a sala de aula em um ambiente de maior acolhimento, favorecendo o desenvolvimento integral da criança. O desenvolvimento emocional infantil é influenciado por fatores familiares, escolares e sociais, tornando-se um processo complexo e desafiador para os educadores.

No entanto, muitos professores ainda apresentam dificuldades em identificar sinais emocionais expressos nos desenhos, devido tanto à ausência de formação específica, quanto à subjetividade da análise. Soma-se a isso a influência de elementos culturais e individuais, que tornam a interpretação ainda mais exigente.

Diante desse contexto, formula-se a seguinte questão-problema: de que forma a interpretação do desenho infantil pode auxiliar os educadores na compreensão do desenvolvimento emocional da criança? Como objetivo geral, este estudo busca compreender como a interpretação do desenho infantil pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança no contexto escolar, e, como objetivos específicos: (I) caracterizar as percepções dos professores sobre o uso do desenho infantil e sua relação com aspectos emocionais; (II) analisar, à luz

do método HTP e da literatura sobre desenho infantil, dois desenhos produzidos por alunos dos anos iniciais; (III) articular essas leituras com informações sobre o contexto familiar e escolar, a partir do relato da professora regente.

Por fim, este artigo está organizado em cinco seções. Após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico, discutindo o desenho infantil como expressão emocional, os principais métodos de interpretação e as implicações pedagógicas dessa leitura. Em seguida, descreve-se a metodologia da pesquisa. Na sequência, são apresentados e analisados os resultados, articulando as percepções docentes e a interpretação de dois desenhos infantis. Por fim, a conclusão sintetiza os achados e aponta implicações pedagógicas e possibilidades para estudos futuros.

2. DESENHO INFANTIL COMO EXPRESSÃO EMOCIONAL

A interpretação do desenho infantil constitui um recurso essencial para compreender o universo emocional e cognitivo da criança. Desde os primeiros rabiscos até representações mais estruturadas, os desenhos mostram como a criança percebe o mundo, suas relações e a si mesma. A análise de elementos gráficos, como cores, formas, texturas, proporções e omissões, possibilita inferir o estágio de desenvolvimento subjetivo em que a criança se encontra (Silva; Sommerhalder, 1999).

Entre os métodos mais utilizados, destaca-se a análise projetiva, exemplificada pelo teste Casa-Árvore-Pessoa (HTP), que busca identificar aspectos inconscientes da personalidade infantil. Esse procedimento é amplamente aplicado por psicólogos e psicopedagogos em contextos clínicos e escolares, pois permite uma leitura aprofundada de conflitos internos e experiências emocionais simbolicamente expressas nos desenhos (Alves, 2023).

Outro método relevante é a análise evolutiva, que considera as fases do desenvolvimento gráfico, acompanhando o amadurecimento neuropsicomotor e cognitivo da criança, desde o garatuja, até representações mais realistas. Essa abordagem possibilita observar avanços significativos ou identificar desvios no processo, oferecendo uma visão integradora do desenvolvimento infantil (Costa *et al.*, 2017; Costa; Rodrigues, 2024).

A análise simbólica, por sua vez, foca nos significados atribuídos aos elementos gráficos. O tamanho e a posição das figuras, o uso predominante de determinadas cores, a presença ou ausência de partes do corpo e o tipo de traçado podem revelar conteúdos emocionais profundos e aspectos subjetivos relevantes (Silva; Sommerhalder, 1999; Silva, 2020). Como exemplo, o uso excessivo de cores escuras ou a produção de figuras desproporcionais pode indicar estados emocionais negativos, enquanto composições equilibradas e cores vivas tendem a refletir bem-estar e harmonia interna.

Assim, o desenho infantil possibilita à criança externalizar sentimentos, pensamentos e percepções, mesmo quando não consegue expressá-los verbalmente, funcionando como uma forma de comunicação simbólica e revelando dimensões emocionais e cognitivas que são fundamentais tanto para intervenções pedagógicas, quanto psicológicas (Luquet, 1969; Machado, 2010; Vilar, 2025).

Nesse contexto, o papel do educador é central: professores capacitados podem identificar sinais de dificuldades emocionais, sociais ou cognitivas, contribuindo, assim, para a construção de um ambiente escolar acolhedor e sensível às necessidades individuais. Para isso, é imprescindível uma formação adequada, que permita analisar os desenhos de forma ética e respeitosa, valorizando a singularidade de cada criança (Tavares; Barbosa, 2018).

A escuta ativa também é um complemento importante nesse processo. Ao incentivar a criança a contar a história de sua produção gráfica, o educador fortalece vínculos afetivos e amplia a comunicação, considerando seu contexto de vida, influências culturais e experiências pessoais. Essa prática enriquece a compreensão da subjetividade infantil e promove autoestima e desenvolvimento emocional saudável, fatores essenciais para o sucesso escolar e para a construção de uma identidade segura (Iavelberg, 2016).

Portanto, o desenho infantil ultrapassa a dimensão artística e se configura como um instrumento pedagógico valioso para o desenvolvimento integral da criança. Sua utilização adequada reforça o compromisso da escola com o bem-estar dos alunos e possibilita intervenções mais precisas, contemplando as múltiplas dimensões do desenvolvimento (Wechsler, 2003; Alves, 2023).

2.1 MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO DO DESENHO INFANTIL

A interpretação do desenho infantil é reconhecida como um recurso fundamental para compreender o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças, pois o desenho serve como uma forma de expressão simbólica que vai além das palavras. Ele permite que as crianças externalizem suas percepções, emoções e conflitos internos de maneira livre e espontânea, funcionando como um canal importante de comunicação entre a criança e o mundo externo. Essa expressão gráfica traz à tona aspectos subjetivos da personalidade infantil, que podem ser analisados para avaliar o nível de amadurecimento emocional, traumas, ansiedades e também o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança (Alves, 2020).

Dentre os métodos tradicionais mais utilizados para interpretar desenhos infantis, destaca-se o Teste da Figura Humana (DFH), que consiste em solicitar que a criança desenhe uma pessoa. Essa técnica é amplamente empregada em contextos clínicos e pedagógicos, pois permite avaliar diversos aspectos psicológicos, tais como a percepção corporal, a autoestima e a capacidade de percepção espacial e simbólica.

Além disso, as características do desenho, como detalhes, proporções e omissões, podem indicar estados emocionais e dificuldades internas que a criança enfrenta. Portanto, o DFH é uma forma instigante para o diagnóstico e acompanhamento do desenvolvimento infantil (Bezerra, 2024).

Outro método bastante utilizado é o Teste Casa-Árvore-Pessoa (HTP), que oferece uma análise mais ampla do universo interno da criança ao solicitar a produção de três desenhos distintos, em que cada um deles representa uma dimensão específica do mundo da criança: o ambiente familiar (casa), o ambiente natural ou segurança (árvore) e a autoimagem (pessoa).

A interpretação dessas imagens, conforme suas formas, cores, posicionamentos e detalhes, pode revelar importantes informações sobre a relação da criança com seu ambiente social, suas experiências emocionais e conflitos familiares, ajudando os educadores e psicólogos a compreenderem melhor o contexto emocional no qual a criança está inserida (Day, 2022).

Nos últimos anos, a análise dos desenhos infantis tem se beneficiado do avanço tecnológico, incorporando técnicas que utilizam métricas matemáticas para

analisar padrões e características dos desenhos. Essas metodologias permitem uma avaliação mais objetiva e detalhada, identificando elementos que podem passar despercebidos em uma análise puramente qualitativa. Por exemplo, o uso de algoritmos para identificar formas, linhas e simetrias nos desenhos possibilita o reconhecimento de tendências no desenvolvimento motor e cognitivo, além de fornecer dados quantitativos que complementam a interpretação psicológica tradicional (Sueur *et al.*, 2021). Tal inovação tecnológica vem contribuindo para que a análise dos desenhos seja cada vez mais precisa e padronizada, oferecendo resultados que auxiliam tanto profissionais da saúde mental, quanto educadores, no acompanhamento do desenvolvimento infantil (Abdulhameed; Rashid, 2021).

Por outro lado, a abordagem qualitativa ainda permanece essencial na interpretação dos desenhos infantis, pois valoriza o contexto cultural, social e individual da criança. A subjetividade da expressão gráfica é um elemento fundamental para compreender como cada criança vivencia seu ambiente e traduz suas emoções. Essa perspectiva destaca que o significado dos desenhos não pode ser dissociado das experiências de vida dela, do ambiente familiar e das influências culturais que moldam sua forma de se expressar. Assim, a interpretação deve ser sensível a essas variáveis para evitar conclusões superficiais ou incorretas (Alves, 2020).

Logo, a integração de métodos tradicionais, abordagens qualitativas e ferramentas tecnológicas compõem uma análise mais completa e eficaz dos desenhos infantis. Essa combinação possibilita compreender de forma mais ampla as necessidades emocionais e cognitivas da criança, contribuindo para intervenções pedagógicas e clínicas mais precisas e sensíveis. A avaliação integrada facilita a identificação precoce de dificuldades e potencialidades, apoiando estratégias educativas e terapêuticas que promovam o desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças (Bezerra, 2024).

2.2 PRINCIPAIS ABORDAGENS PARA ANALISAR DESENHOS INFANTIS E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS DA ANÁLISE DO DESENHO

A análise do desenho infantil como recurso de expressão emocional e cognitiva tem ganhado cada vez mais espaço na literatura pedagógica. A

compreensão do desenho como linguagem simbólica exige que os educadores estejam atentos não apenas à forma estética, mas também aos elementos subjetivos que ali se manifestam. Neste contexto, capacitar os professores para interpretar adequadamente essas produções torna-se essencial, pois possibilita uma escuta mais qualificada das vivências infantis e uma intervenção pedagógica mais sensível. Como destaca Hoeller e Spengler (2019), a mediação docente diante do desenho infantil precisa considerar os aspectos afetivos que emergem nesse tipo de linguagem.

A formação docente, portanto, deve contemplar a habilidade de ler os sinais gráficos como representações do mundo interior da criança. É nesse ponto que as abordagens histórico-culturais, como a de Vygotsky, ganham destaque ao indicarem que a arte e o desenho são manifestações do desenvolvimento social e psicológico do sujeito. Ao reconhecer o desenho como parte do processo de simbolização, o professor amplia sua atuação para além do conteúdo didático, atuando também como facilitador da saúde emocional e do desenvolvimento integral do aluno (Vicente; Ujiie, 2022).

A ausência de preparo para interpretar essas manifestações pode limitar a escuta pedagógica e restringir o olhar do professor às aparências formais do desenho. Quando capacitado, o educador consegue utilizá-lo como recurso diagnóstico, identificando possíveis sinais de sofrimento psíquico, dificuldades de socialização ou até mesmo talentos específicos. Dessa forma, a formação docente deixa de ser apenas técnica e passa a ser sensível e comprometida com o bem-estar da criança (Oliveira; Melo, 2022).

É importante destacar que as práticas pedagógicas que valorizam o desenho não apenas como expressão artística, mas também como ferramenta de comunicação e autoconhecimento, favorecem ambientes educativos mais acolhedores. Ao entender o desenho como uma extensão da subjetividade infantil, o professor se torna mais preparado para lidar com situações complexas do cotidiano escolar, como conflitos interpessoais, lutos, medos e ansiedades, que muitas vezes emergem através da expressão gráfica (Tozato; Silva, 2022).

O investimento na formação estética do educador também se revela fundamental nesse processo. A sensibilidade para perceber o potencial comunicativo dos desenhos infantis pode ser aprimorada por meio de vivências

formativas que integrem arte, cultura visual e escuta ativa. Práticas como rodas de apreciação, oficinas de arte e análise coletiva de produções infantis ajudam a construir repertório e promovem uma postura mais investigativa e menos julgadora diante do desenho da criança (Printes; Bissoli, 2021).

Outra dimensão importante diz respeito à formação continuada dos profissionais da Educação Infantil. Com a evolução das mídias e dos repertórios simbólicos das crianças, é necessário que os professores atualizem constantemente seu olhar para essas novas formas de expressão. Estudos mostram que o contato com imagens e tecnologias influencia diretamente a forma como as crianças representam o mundo em seus desenhos, o que exige do educador um olhar crítico e contextualizado (Sanches, 2024).

A partir das contribuições da teoria histórico-cultural, percebe-se que a leitura dos desenhos deve ser situada no contexto da vida da criança, respeitando seu nível de desenvolvimento, suas experiências e vínculos afetivos. O desenho, nesse caso, é entendido como uma janela para o universo simbólico da infância da sua subjetividade. Por isso, o professor que busca compreender essa metodologia amplia suas possibilidades de atuação pedagógica, promovendo não apenas aprendizagens cognitivas, mas também o fortalecimento da autoestima e da identidade infantil (Printes, 2018).

As experiências com diferentes linguagens e materiais, como o uso de argila, têm sido apontadas como fundamentais para o desenvolvimento expressivo e sensorial das crianças. Quando o educador oferece oportunidades de experimentação com elementos plásticos e visuais, amplia-se o campo de criação e comunicação infantil. Essas práticas favorecem a construção de significados e proporcionam momentos de encantamento e aprendizagem (Silva; Ostetto, 2022).

A formação estética do educador é essencial para que ele desenvolva um olhar sensível diante das expressões artísticas infantis. Quando o professor participa de vivências com arte, cultura visual e escuta ativa, ele adquire repertório para interpretar de forma menos técnica e mais humana os desenhos produzidos pelas crianças, o que resulta em uma prática pedagógica mais investigativa e menos julgadora (Tavares; Barbosa, 2018).

A escuta atenta e sensível das produções infantis, como o desenho, é uma prática essencial na educação infantil. Quando o educador se dispõe a interpretar

essas manifestações não verbais, ele reconhece a criança como sujeito de direitos, capaz de se expressar de diversas formas. Essa escuta ativa fortalece os vínculos pedagógicos e permite que o planejamento seja mais coerente com o universo simbólico das crianças (Barros; Oliveira, 2022).

A análise dos desenhos infantis é um recurso importante na educação inclusiva, pois permite que o professor compreenda aspectos subjetivos das crianças, especialmente aquelas com dificuldades de expressão verbal. O desenho funciona como uma linguagem simbólica que revela sentimentos, desejos e percepções sobre o mundo, servindo como uma via alternativa de comunicação e escuta pedagógica. Essa perspectiva favorece intervenções mais sensíveis e individualizadas (Ribeiro; Cúnico; Oliveira, 2024).

Assim, a avaliação pedagógica do desenho precisa ir além dos critérios formais de julgamento estético – ela deve considerar o conteúdo emocional, a intenção comunicativa e o processo de construção da imagem. Capacitar o professor para esse tipo de avaliação é uma forma de empoderá-lo no exercício da escuta sensível e do acolhimento das singularidades de cada aluno. Quando o desenho infantil é valorizado nesse sentido, a escola se transforma em um espaço de expressão livre e desenvolvimento integral (Ribeiro, 2003).

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, de caráter aplicado e descritivo, com apoio de dados quantitativos descritivos obtidos por meio de questionário. Busca-se compreender, de forma aprofundada, como a interpretação do desenho infantil pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança no contexto escolar e para a prática pedagógica dos professores.

De acordo com Gil (2019), a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender os fenômenos mais do que quantificá-los, trabalhando com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças e dos valores. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o mundo dos significados, das ações e relações, e não pretende mensurar dados, mas compreender a realidade social a partir da perspectiva dos sujeitos. Marconi e Lakatos (2003) também

ressaltam que a pesquisa qualitativa permite investigar aspectos subjetivos, considerando os contextos e as experiências dos participantes.

A pesquisa é classificada como aplicada, pois tem o intuito de gerar conhecimentos que podem ser utilizados na prática pedagógica, especialmente no desenvolvimento de estratégias que auxiliem os professores a compreenderem melhor o desenvolvimento emocional dos alunos por meio da interpretação dos desenhos. Para Vergara (2007), a pesquisa aplicada busca gerar conhecimento direcionado à solução de problemas específicos, com potencial de intervenção na realidade estudada.

Configura-se, ainda, como uma pesquisa de caráter descritivo, pois busca observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos, sem manipulá-los, descrevendo as características dos desenhos infantis e suas possíveis relações com os aspectos emocionais das crianças. Segundo Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal caracterizar fenômenos, coletando dados que permitam descrevê-los de maneira sistemática, sem interferência do pesquisador.

3.1 PARTICIPANTES E CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal de Santo Antônio do Sudoeste-PR, situada em contexto socioeconômico marcado por atividades de subsistência e por uma realidade rural. A amostra de alunos foi selecionada por conveniência, sendo composta por 20 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 7 e 8 anos. A escolha dessa faixa etária se justifica por corresponder a um período em que a criança utiliza o desenho como uma de suas principais formas de expressão simbólica, emocional e cognitiva (Lowenfeld; Brittain, 1977).

Além dos alunos, participaram da pesquisa 14 professores da rede municipal de ensino, atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esses docentes responderam a um questionário que buscou identificar suas percepções sobre o uso do desenho infantil na prática pedagógica e sua relação com aspectos emocionais das crianças.

3.2 PROPOSTA PEDAGÓGICA E OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS

Foram utilizados três instrumentos principais:

- a) Atividade de desenho baseada no HTP, adaptado como instrumento central de coleta junto às crianças: utilizou-se uma atividade pedagógica inspirada no método projetivo Casa-Árvore-Pessoa (HTP), adaptado ao contexto escolar e sem finalidade diagnóstica clínica. O objetivo foi promover a livre expressão artística dos alunos e observar suas manifestações emocionais e comportamentais durante o processo criativo. As crianças foram convidadas a desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa, em folha A4, utilizando lápis de cor, sem modelos prontos, para garantir maior liberdade criativa. Conforme Vygotsky (1998), a expressão artística possibilita à criança construir significados sobre suas experiências e revelar aspectos internos por meio da linguagem simbólica.
- b) Questionário com professores: foi elaborado um questionário estruturado, composto por 10 questões fechadas e algumas questões abertas, destinado a 14 professores dos anos iniciais. O instrumento teve como objetivos principais: (I) identificar o quanto os docentes reconhecem o desenho como forma de expressão emocional das crianças; (II) verificar se utilizam o desenho como recurso pedagógico em sala de aula; e (III) levantar percepções sobre a necessidade de formação para interpretar o desenho infantil em sua dimensão emocional. O questionário foi aplicado em formato impresso, em momento previamente combinado com a gestão escolar.
- c) Entrevista/relato com a professora regente: como complemento às informações obtidas com os alunos e com o grupo de professores, foi realizada uma conversa orientada com a professora regente da turma participante. A partir de um roteiro semiestruturado, buscou-se compreender sua percepção sobre o contexto da turma, as características dos alunos cujos desenhos foram analisados em profundidade e as situações emocionais mais recorrentes na sala de aula. Os registros foram feitos por meio de anotações em diário de campo.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A atividade de desenho foi desenvolvida durante uma aula de Arte, em ambiente tranquilo e acolhedor. A professora regente apresentou a proposta, esclareceu que não havia “desenho certo ou errado” e incentivou que cada criança desenhasse uma casa, uma árvore e uma pessoa “do jeito que imaginasse”. Durante a execução, observaram-se o comportamento dos alunos, o nível de envolvimento, as falas espontâneas e a forma de interação entre colegas, aspectos que, segundo Hernández (2000), contribuem para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem e do desenvolvimento emocional.

Após a realização da atividade, todos os desenhos foram recolhidos e organizados. Em um momento posterior, o pesquisador retornou à escola para aplicar o questionário aos 14 professores, em horário previamente acordado, garantindo tempo suficiente para leitura e resposta individual. A conversa com a professora regente ocorreu em outro encontro, em espaço reservado na escola, com duração aproximada de 30 minutos, sendo as informações registradas em diário de campo.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados ocorreu em etapas complementares:

1. Análise dos desenhos das crianças, em que, inicialmente, foram examinados os 20 desenhos produzidos pelos alunos. Para análise mais detalhada, foram selecionados dois desenhos que representavam perfis distintos de participação durante a atividade:
 - Aluno 1, que demonstrou grande comunicação, interação com colegas, entusiasmo e espontaneidade;
 - Aluno 2, que realizou a atividade de forma mais reservada, com poucas interações e postura mais séria.

Os desenhos foram analisados à luz dos referenciais teóricos sobre o desenho infantil e suas dimensões expressivas e emocionais, considerando elementos simbólicos, uso de cores, proporções, omissões, organização espacial e

relação entre figuras, com base em Luquet (1927) e Lowenfeld e Brittain (1977), articulados às contribuições de Vygotsky (1998) sobre linguagem simbólica e mediação do desenvolvimento.

2. Análise do questionário com professores, cujas respostas às questões fechadas foram organizadas em tabela, permitindo a apresentação de frequências e porcentagens, configurando um tratamento quantitativo descritivo simples. Em seguida, essas informações foram interpretadas de forma qualitativa, buscando identificar tendências e convergências nas percepções docentes sobre o desenho infantil como recurso pedagógico e como expressão emocional. As respostas às questões abertas, quando presentes, foram lidas e agrupadas em eixos temáticos, como: “desenho como linguagem da criança”, “dificuldades de interpretação” e “necessidade de formação”.
3. Análise do relato da professora regente, mantendo as anotações do diário de campo referentes à conversa com a professora regente submetidas a uma leitura interpretativa e articulando suas percepções às observações realizadas em sala e aos elementos presentes nos desenhos dos alunos analisados em profundidade. Essa triangulação entre desenho, observação e relato docente permitiu compreender melhor como o professor percebe as emoções das crianças e de que modo o desenho pode apoiar essa leitura no cotidiano escolar.

Ao integrar dados provenientes dos desenhos, das respostas dos professores e do relato da professora regente, buscou-se construir uma compreensão mais ampla sobre o potencial do desenho infantil como ferramenta pedagógica para a leitura do desenvolvimento emocional das crianças e para a reflexão sobre a prática docente.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa são apresentados e discutidos em três momentos interligados ao objetivo geral, que é compreender como a interpretação

do desenho infantil pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança no contexto escolar, e aos objetivos específicos: (I) caracterizar as percepções dos professores sobre o uso do desenho infantil e sua relação com aspectos emocionais; (II) analisar, à luz do método HTP e da literatura sobre desenho infantil, dois desenhos produzidos por alunos dos anos iniciais; (III) articular essas leituras com informações sobre o contexto familiar e escolar, a partir do relato da professora regente.

O primeiro momento diz respeito ao contexto escolar investigado; o segundo, às percepções dos professores sobre o desenho e sua dimensão emocional, e o terceiro, à análise dos desenhos de duas crianças, em diálogo com as informações fornecidas pela professora regente.

O contexto escolar investigado está inserido em uma realidade rural, marcada por uma economia de subsistência e por famílias que vivem do trabalho agrícola e de atividades locais. Esse cenário influencia diretamente as vivências das crianças, refletindo-se em suas experiências cotidianas e nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores.

A instituição procura integrar os conteúdos curriculares à realidade do campo, valorizando os saberes locais e promovendo atividades que envolvem a comunidade, como projetos voltados à agricultura, à preservação ambiental e às manifestações culturais. Diante de um público diverso, o trabalho pedagógico precisa ser flexível e sensível às particularidades de cada aluno, buscando não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento integral, em sintonia com o contexto social e cultural em que estão inseridos.

O vínculo entre escola e comunidade se fortalece por meio de ações que aproximam família, cultura e território, construindo um ambiente educativo acolhedor e significativo. Essa relação de proximidade contribui para que os alunos se reconheçam em sua identidade e se sintam parte ativa do processo educativo, favorecendo a aprendizagem e a construção de saberes conectados à vida no campo e às necessidades do meio em que vivem.

4.1 PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O DESENHO INFANTIL E OS ASPECTOS EMOCIONAIS

O Quadro 1 apresenta as respostas dos 14 professores respondentes. A análise das respostas obtidas mostrou uma compreensão ampla sobre a importância do desenho na prática pedagógica, mas também evidenciou limites na formação e na interpretação dos significados expressos pelas crianças por meio de suas produções gráficas. A maioria dos docentes afirmou utilizar o desenho em sala de aula e reconheceu seu valor como forma de expressão e comunicação infantil. Entretanto, ao mesmo tempo, grande parte indicou não possuir formação suficiente para interpretá-lo de modo intencional e pedagógico, o que demonstra que essa temática ainda está em processo de amadurecimento entre os profissionais da educação.

Quadro 1 Análise das percepções docentes sobre o uso do desenho infantil e aspectos emocionais das crianças

Fonte: Dados da pesquisa aplicada pelo autor (2025).

Nº	Questão	Freq.	Sim	Freq.	Não
		Sim	%	%	%
1	Você utiliza o desenho em suas práticas pedagógicas?	13	92,9	1	7,1
2	Você acredita que o desenho pode revelar informações sobre o desenvolvimento emocional da criança?	13	92,9	1	7,1
3	Na sua percepção, é possível identificar sinais emocionais nos desenhos das crianças?	13	92,9	1	7,1
4	Já ocorreu de um desenho de aluno chamar sua atenção para questões emocionais ou comportamentais?	9	64,3	5	35,7
5	Você considera o desenho importante no processo de ensino-aprendizagem além do aspecto cognitivo?	13	92,9	1	7,1
6	Os professores recebem formação suficiente para interpretar desenhos infantis?	1	7,1	13	92,9
7	Você encontra dificuldades em relacionar o desenho infantil com aspectos emocionais?	13	92,9	1	7,1
8	A escola oferece apoio aos docentes no uso do desenho como ferramenta pedagógica?	13	92,9	1	7,1
9	Você considera viável integrar de forma sistemática o desenho como recurso para observar aspectos emocionais?	13	92,9	1	7,1
10	O município oferta algum tipo de formação continuada ou capacitação vinculada à temática do uso do desenho para compreender aspectos emocionais?	1	7,1	13	92,9

O questionário foi aplicado na mesma escola em que foram coletados os desenhos infantis, e todos os professores que atuam nas turmas participantes da pesquisa responderam às questões. Essa escolha permitiu compreender o olhar do próprio corpo docente sobre o uso do desenho como instrumento de observação e de expressão emocional, fortalecendo a relação entre os dados empíricos e as percepções pedagógicas dos profissionais que convivem diariamente com as crianças investigadas. Dessa forma, o primeiro objetivo específico, caracterizar as percepções dos professores, é contemplado ao evidenciar que há reconhecimento do potencial do desenho, mas também fragilidades quanto ao preparo para utilizá-lo de maneira sistemática.

O desenho, segundo Vygotsky (1998), é uma forma de linguagem simbólica que se desenvolve a partir das interações sociais e das experiências vividas pela criança. Quando o professor valoriza o desenho, ele não observa apenas traços ou cores, mas interpreta manifestações do pensamento, das emoções e das relações que a criança estabelece com o mundo. No entanto, para que isso ocorra de maneira significativa, é fundamental que o docente possua um olhar sensível e fundamentado teoricamente, o que ainda não se evidencia plenamente na prática escolar cotidiana.

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1977), o desenho infantil reflete o processo de desenvolvimento criativo e emocional da criança, sendo um meio de comunicação que antecede a linguagem escrita. A leitura dessas produções exige do professor conhecimento sobre as fases do grafismo infantil e compreensão do contexto emocional e social do aluno. Os resultados da pesquisa, contudo, indicam que muitos professores ainda percebem o desenho principalmente como uma atividade lúdica ou avaliativa, e não como um recurso de diagnóstico e compreensão subjetiva.

Essa lacuna é reforçada pelo fato de que a maioria dos participantes aponta ausência de formação específica sobre a interpretação do desenho infantil, bem como a falta de apoio institucional para o uso dessa prática de forma sistemática. Tal cenário confirma a necessidade de que a formação docente inclua, para além do domínio técnico de conteúdos, o desenvolvimento de competências interpretativas e reflexivas, capazes de reconhecer o desenho como um espelho do mundo interior da

criança (Luquet, 1969).

Os resultados também revelam um aspecto importante: embora os professores demonstrem interesse e sensibilidade em compreender o desenho como expressão emocional, essa compreensão ainda se constrói de forma empírica e intuitiva, sem base teórica consolidada. Isso mostra que o caminho para integrar o desenho como recurso pedagógico significativo passa pela formação continuada e pela ampliação das discussões sobre o tema no espaço escolar.

Nessa perspectiva, Nóvoa (1992) ressalta que a formação do professor deve ser entendida como um processo permanente e reflexivo, construído a partir da prática e do diálogo com a realidade vivida em sala de aula. Do mesmo modo, Libâneo (2001) defende que as políticas públicas de educação precisam garantir condições efetivas para o desenvolvimento profissional docente, oferecendo espaços de estudo e formação que ampliem o repertório teórico e metodológico dos educadores. Assim, a formação continuada surge como caminho essencial para fortalecer o papel do professor como mediador sensível e consciente das múltiplas linguagens da infância, entre elas o desenho.

Dessa forma, a pesquisa evidencia que o professor é um mediador do processo expressivo da criança, mas para exercer plenamente esse papel precisa compreender o desenho como linguagem, expressão e comunicação simbólica, e não apenas como uma atividade recreativa. Valorizar o desenho infantil significa reconhecer a criança em sua totalidade, como sujeito de emoções, ideias e sentimentos que se manifestam graficamente antes mesmo de se estruturarem na linguagem verbal.

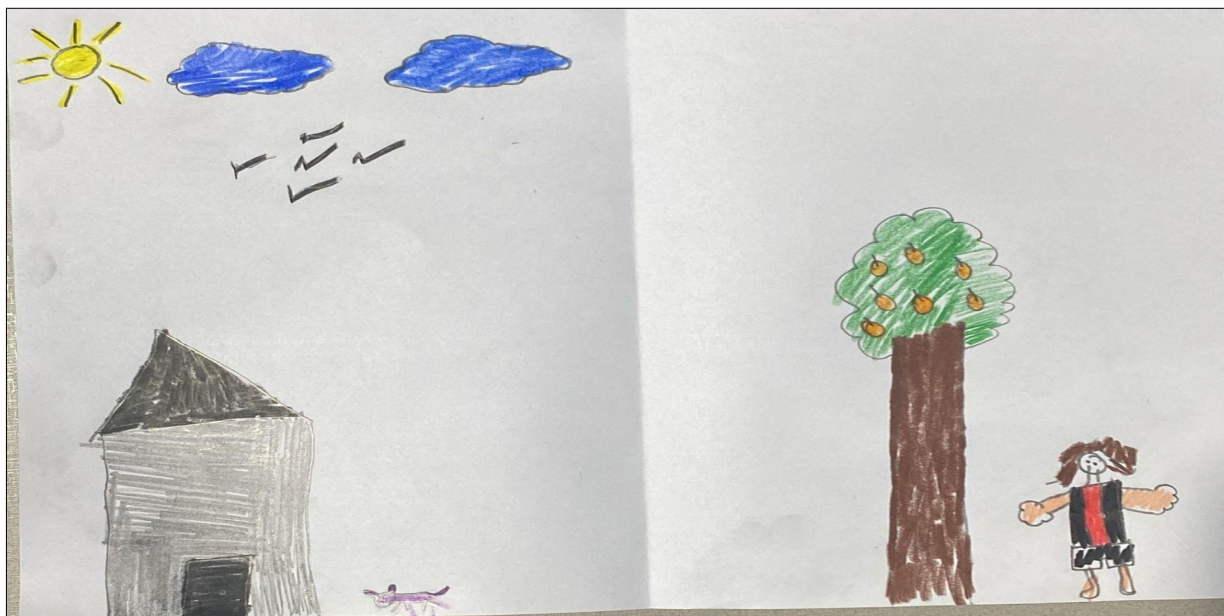
4.2. DESENHO 1: EXPRESSÃO GRÁFICA E INDICADORES EMOCIONAIS

O Desenho 1 foi elaborado por uma criança de 7 anos, do sexo masculino, que, segundo a classificação de Viktor Lowenfeld e W. Brittain (1977), encontra-se no estágio pré-esquemático do desenvolvimento gráfico. Nesse período, as produções infantis começam a apresentar organização espacial, maior detalhamento e intencionalidade simbólica, algo visível na forma como a cena foi distribuída e nas escolhas de cor e forma.

A análise foi conduzida a partir do método projetivo HTP (House-Tree-Person), de John Buck (1948), que compreende a casa como expressão da esfera

afetiva e do ambiente familiar; a árvore, como símbolo de vitalidade e desenvolvimento; e a figura humana, como representação da autoimagem e das relações sociais da criança.

Desenho da Criança 1



Fonte: Figura recolhida durante a pesquisa (2025).

A casa, localizada no canto inferior esquerdo, aparece com traços fortes e preenchimento em tons escuros, especialmente em preto e cinza. Segundo Buck (2003), o uso predominante de cores escuras na casa pode indicar reserva, emoções intensas ou necessidade de proteção. A ausência da porta (elemento associado à abertura ao exterior) e a janela totalmente sombreada sugerem cautela nas interações e tendência à introspecção, conforme também discutem Hammer (1991) e Koppitz (1968). A posição próxima à borda da folha reforça a ideia de busca por segurança e delimitação do espaço afetivo.

A árvore, situada na parte inferior direita, possui tronco espesso e copa verde arredondada, preenchida com diversos frutos alaranjados. No HTP, árvores vigorosas representam força interna, energia e capacidade de crescimento (Buck, 2003). Os frutos possuem significado simbólico importante: remetem à produtividade, criatividade e experiências valorizadas emocionalmente. A quantidade expressiva de frutos indica ênfase afetiva, destacando acontecimentos significativos

para a criança, conforme Lowenfeld e Brittain (1977), que defendem que a repetição de elementos revela intenção simbólica consciente.

A figura humana foi representada com expressão sorridente, colorida e com braços abertos, sugerindo sociabilidade, abertura ao contato e percepção positiva de si mesmo. A cabeça maior é compatível com a idade e pode indicar foco nos pensamentos ou atividade cognitiva intensa, característica frequentemente observada em crianças nessa etapa do desenvolvimento (Koppitz, 1968). O uso variado de cores demonstra investimento emocional e envolvimento na tarefa.

Outro aspecto relevante é o fundo branco que ocupa grande parte da folha. Buck (2003) aponta que amplas áreas não preenchidas podem indicar cautela, preferência por destacar elementos principais ou uma organização emocional ainda em estruturação. Para crianças de 7 anos, esse tipo de composição é comum, pois tendem a priorizar o essencial da cena, sem se preocupar com preenchimento total do espaço.

À esquerda da casa, observa-se uma pequena figura em roxo, semelhante a um cachorro. Animais acrescentados espontaneamente ao desenho costumam simbolizar afeto, proteção, companhia e vínculos emocionais significativos (Buck, 2003). A proximidade desse elemento da casa sugere associação do ambiente familiar com segurança e relações afetivas positivas, reforçando a importância desse vínculo para a criança.

Ao se integrarem todos os elementos (casa, árvore, pessoa, fundo branco e figura do cachorro), percebe-se uma dinâmica emocional equilibrada. A casa escura sugere certa reserva afetiva ou necessidade de proteção, enquanto a árvore frutífera, a figura humana expressiva e a presença do animal revelam vitalidade, criatividade, sociabilidade e afetividade. Assim, o desenho indica uma criança que combina momentos de introspecção com boa capacidade de expressão, vínculos afetivos significativos e potencial criativo em desenvolvimento, compatível com seu estágio de maturidade emocional e gráfica.

Em síntese, o desenho mostra não apenas o modo como a criança organiza seus pensamentos e emoções, mas também como vivencia seu ambiente familiar. A forma mais fechada e escura da casa sugere certo distanciamento ou algum tipo de ausência que ela sente nesse espaço, algo que as crianças muitas vezes expressam sem perceber. Mesmo assim, os outros elementos do desenho (mais coloridos, vivos

e abertos) revelam que, apesar dessas faltas, ela encontra maneiras de se expressar, criar e se manter emocionalmente equilibrada. Assim, o desenho indica uma criança sensível, que sente e percebe seu ambiente, mas que também demonstra força, criatividade e boa capacidade de lidar com suas experiências.

4.3. DESENHO 2: DUALIDADE DE CENÁRIOS E SENSIBILIDADE EMOCIONAL

O segundo desenho, elaborado por uma criança de 7 anos, do sexo masculino, enquadra-se no estágio pré-esquemático do desenvolvimento gráfico infantil, segundo Lowenfeld e Brittain (1977).

Desenho da Criança 2



Fonte: Figura recolhida durante a pesquisa (2025)

Trata-se de uma fase em que a criança começa a organizar melhor os elementos, escolher cores de forma consciente e estabelecer relações entre objetos representados, aspectos claramente identificados nesta produção.

O conjunto dos elementos indica uma criança que demonstra segurança afetiva, organização emocional e boa capacidade expressiva. A presença simultânea de um cenário positivo e outro marcado pela chuva sugere consciência sobre

emoções contrastantes e habilidade para representá-las graficamente de forma estruturada. Essa leitura reforça, mais uma vez, o potencial do desenho como via de acesso às experiências emocionais das crianças, contribuindo para o cumprimento do segundo objetivo específico da pesquisa.

A casa, posicionada à esquerda, foi desenhada com contornos definidos, porta, janelas amplas e telhado estruturado. A predominância de cores suaves (rosa, bege e laranja) sugere percepção positiva do ambiente familiar, associada a acolhimento e segurança. A porta grande e bem marcada indica abertura ao contato e disponibilidade para a interação, enquanto as janelas coloridas reforçam expressividade e boa comunicação.

A figura humana, representada próxima à casa, apresenta traços estáveis, expressão sorridente e uso de cores vivas, especialmente o vermelho, que simboliza energia e vitalidade. Os braços ao lado do corpo e os detalhes estéticos, como o vestido e o cabelo, indicam investimento emocional e percepção positiva de si, coerentes com o desenvolvimento gráfico esperado para a idade.

A árvore, localizada na porção inferior direita, possui tronco firme e copa volumosa. Esse tipo de representação geralmente indica vitalidade, estabilidade emocional e boa organização interna. A presença de mais de uma árvore e grande área verde sugere riqueza simbólica e interesse pelo ambiente natural, além de boa capacidade de preencher o espaço gráfico, o que demonstra maturidade expressiva.

Um dos aspectos mais relevantes do desenho é a divisão do cenário em duas partes: um lado iluminado, ensolarado e organizado, contrastando com um lado chuvoso, marcado por nuvens escuras e intensidade gráfica. Essa separação indica que a criança diferencia estados emocionais distintos, representando simbolicamente polaridades como tranquilidade e tensão, luz e escuridão, calma e movimento. A cena ensolarada apresenta elementos positivos, como o sol sorridente e pássaros, enquanto a parte chuvosa mostra agitação, linhas de movimento e nuvens carregadas.

Essa composição revela sensibilidade emocional e capacidade de representar simbolicamente diferentes vivências internas ou externas. O fundo preenchido, as cores variadas e o cuidado com detalhes demonstram concentração, organização e envolvimento com a atividade.

O conjunto dos elementos indica uma criança que demonstra segurança afetiva, organização emocional e boa capacidade expressiva. A presença simultânea de um cenário positivo e outro marcado pela chuva sugere consciência sobre emoções contrastantes e habilidade para representá-las graficamente de forma estruturada. O desenho revela equilíbrio entre criatividade, vitalidade e sensibilidade, compatíveis com o desenvolvimento esperado para sua idade.

4.4 DIÁLOGO ENTRE O DESENHO INFANTIL, O CONTEXTO FAMILIAR E A VISÃO DOCENTE

O terceiro momento da análise articula os elementos simbólicos presentes nos desenhos com as informações fornecidas pela professora regente, aproximando o olhar da psicologia do desenvolvimento, da arte infantil do cotidiano pedagógico e das realidades familiares das crianças. Dessa forma, atende-se ao terceiro objetivo específico da pesquisa: articular as leituras dos desenhos com o contexto familiar e escolar.

No caso da criança do Desenho 1, a professora descreve um aluno bastante comunicativo, falante e expressivo, que tem dificuldade em permanecer quieto por muito tempo. Embora interaja bem com os colegas e demonstre facilidade para se comunicar, apresenta dificuldades importantes de aprendizagem, necessitando de apoio constante. A professora destaca que o contexto familiar influencia diretamente nessas questões: a mãe quase não comparece à escola, o pai é pouco presente no acompanhamento escolar e os responsáveis trabalham muito, dedicando pouco tempo às necessidades da criança. Soma-se a isso a presença de um irmão mais novo, que demanda mais atenção, fazendo com que o aluno, muitas vezes, “fique de lado”.

Esse relato dialoga com a interpretação do Desenho 1: a casa escura e fechada pode ser compreendida como expressão de certa instabilidade afetiva ou de experiências de ausência, ao passo em que a árvore frutífera, a figura humana viva e a presença do animal indicam recursos internos de criatividade, vínculo e busca de afeto. A agitação e a necessidade de atenção relatadas pela professora encontram eco em elementos do desenho, sugerindo uma criança sensível, marcada por experiências emocionais ambíguas, mas também dotada de grande potencial expressivo.

Em relação à criança do Desenho 2, a professora descreve um aluno mais silencioso, reservado e que fala pouco durante as aulas, mas que apresenta excelente desempenho escolar. É uma criança organizada, responsável e com facilidade para aprender. O contexto familiar ajuda a explicar essa postura mais contida: a mãe abandonou a criança ainda pequena, o pai é ausente e vive em outra cidade, e quem assumiu os cuidados foram os avós, muito presentes e dedicados. A avó acompanha as atividades escolares de perto, participa das reuniões e mantém contato frequente com a escola, enquanto o avô também desempenha papel ativo na rotina da criança.

Apesar de uma história marcada por ausências parentais, o aluno encontra nos avós uma base afetiva estável, o que contribui para seu bom rendimento e para sua postura tranquila. Essa estabilidade se expressa no desenho por meio de uma casa acolhedora, cores suaves e organização cuidadosa dos elementos, ao mesmo tempo em que a divisão entre cenário ensolarado e chuvoso revela sensibilidade para vivenciar e representar emoções contrastantes.

Assim, a percepção da professora mostra como os contextos familiares influenciam de maneiras distintas o comportamento e o desenvolvimento escolar de cada criança. Ao relacionar essas observações com os desenhos produzidos, fica evidente que cada aluno expressa, de forma própria, aspectos de suas vivências e de seu ambiente afetivo. Enquanto o primeiro revela, tanto no comportamento, quanto no desenho, sinais de instabilidade e necessidade de atenção, o segundo demonstra, apesar da história marcada por ausências, a segurança construída no vínculo com os avós.

Compreender essas trajetórias permite que a escola desenvolva um olhar mais sensível e atento, oferecendo apoio que considere não apenas o desempenho acadêmico, mas também as experiências emocionais que cada criança carrega. Nessa perspectiva, o diálogo entre desenho, contexto familiar e visão docente reforça a importância de formar professores capazes de interpretar o desenho infantil como linguagem, aprofundando a articulação entre teoria e prática e consolidando o papel do professor como mediador do desenvolvimento emocional na escola.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que a interpretação do desenho infantil é um recurso pedagógico e psicológico de grande relevância para compreender o desenvolvimento emocional das crianças. A pergunta que orientou este estudo é: de que forma a interpretação do desenho infantil pode auxiliar os educadores na compreensão do desenvolvimento emocional da criança? Tal pergunta pode ser respondida a partir dos dados teóricos e empíricos analisados.

Os resultados demonstram que o desenho funciona como uma linguagem simbólica capaz de revelar emoções, medos, desejos, conflitos internos e vivências que nem sempre são expressos verbalmente. Dessa forma, a interpretação do desenho auxilia o educador ao oferecer pistas sobre o estado emocional da criança, permitindo identificar sinais de sofrimento psíquico, dificuldades de socialização, inseguranças, bem-estar, autoestima, vínculos afetivos e até situações de vulnerabilidade familiar.

Ao analisar elementos como cores, formas, proporções, omissões, intensidade do traço e composição da cena, o professor amplia sua capacidade de compreender a criança para além do comportamento observado em sala de aula. Assim, o desenho se torna uma porta de entrada para a escuta sensível e para o entendimento mais profundo sobre o que a criança sente e vivencia.

Além disso, a interpretação dos desenhos favorece intervenções pedagógicas mais humanizadas e assertivas. Os educadores podem ajustar metodologias, acolher demandas emocionais, fortalecer vínculos e promover um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Isso contribui diretamente para o desenvolvimento integral da criança, favorecendo seu bem-estar e seu processo de aprendizagem.

Entretanto, também se identificou que muitos professores não possuem formação suficiente para compreender adequadamente os sinais emocionais expressos nos desenhos, o que reforça a necessidade de investir em formação continuada. Capacitar os docentes para essa leitura simbólica é essencial para que o desenho deixe de ser visto apenas como atividade recreativa e passe a ocupar seu papel como instrumento pedagógico de escuta e observação.

Assim, responde-se à questão-problema afirmando que a interpretação do desenho infantil auxilia os educadores por possibilitar a compreensão do universo emocional da criança, oferecendo informações valiosas que orientam intervenções

sensíveis, fortalecem a relação pedagógica e promovem o desenvolvimento integral. Quando valorizado de forma ética, fundamentada e sensível, o desenho se transforma em um recurso poderoso para a prática educativa e para a promoção da saúde emocional das crianças no contexto escolar

REFERÊNCIAS

ABDULHAMEED, S.; RASHID, T. A. Child Drawing Development Optimization Algorithm based on Child's Cognitive Development. arXiv preprint, 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2107.08944>. Acesso em: 2 jun. 2025.

ALVES, G. da S. A importância do desenho na educação infantil. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ALVES, S. da R. Qual a importância de um teste projetivo como o H.T.P. Disponível em: <https://www.ensinosuperior.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2015/02/Artigo-Simone-da-Rosa.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BARROS, S. M.; OLIVEIRA, M. T. Escuta e diálogo na educação infantil: uma prática ética e responsiva. Revista de Licenciaturas e Pesquisa, v. 4, n. 1, 2022.

COSTA, A. M. O. da; SOUSA, A. B. de; BESSA, S.; MIRANDA, A. C. de. A importância do desenho na educação infantil. Anais do Congresso de Iniciação Científica, v. 2, 2017.

COSTA, F.; RODRIGUES, D. S. A evolução do desenho infantil. Revista UNIPORÃ, 2024.

FREUD, S. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HAMMER, E. Exner's Comprehensive System for the Rorschach. New York: Wiley, 1958.

HOELLER, A. L.; SPENGLER, M. A mediação do professor na interpretação do desenho infantil. Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, 2019.

IABELBERG, M. C. As etapas do desenho infantil. Cadernos de Educação, v. 3, n. 1, 2016.

KOPPITZ, E. Psychological Evaluation of Children's Human Figure Drawings. New York: Grune & Stratton, 1968.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. Creative and Mental Growth. New York: Macmillan, 1987.

LUQUET, G. L. Le dessin enfantin. Paris: Alcan, 1927.

MACHADO, M. L. A. Desenho infantil: desenvolvimento, aprendizagem e cultura. Petrópolis: Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, M. C.; MELO, R. S. Formação docente e sensibilidade na leitura do desenho infantil. Cadernos de Pesquisa, v. 52, 2022.

OLIVEIRA, N. J. R. O Papel do Desenho na Alfabetização e Desenvolvimento Infantil. HUMANIDADES E TECNOLOGIA, v. 39, n. 1, 2024.

PIAGET, J. Brincadeira, sonhos e imitação na infância. Routledge, 2013.

PRINTES, L. B. O desenho infantil como janela para o mundo simbólico. Educação e Sociedade, v. 39, 2018.

PRINTES, L. B.; BISSOLI, E. Formação estética do professor. Revista Brasileira de Artes, v. 9, n. 1, 2021.

RIBEIRO, C. A. Avaliação pedagógica do desenho infantil. Cadernos de Educação, v. 30, 2003.

RIBEIRO, J. P.; CÚNICO, S. D.; OLIVEIRA, D. L. O desenho como possibilidade de escuta sensível. Revista Brasileira de Educação Especial, 2024.

ROSSO, G. B.; SILVEIRA, Z. M. Linguagem do desenho como instrumento de comunicação. Revista Saberes Pedagógicos, v. 7, n. 1, 2023.

SANCHES, P. R. A influência das novas mídias na representação gráfica infantil. Revista Educação & Tecnologias, v. 4, 2024.

SILVA, J. A importância do desenho infantil na expressão emocional. Museu da Imaginação, 2020.

SILVA, S. M. C.; SOMMERHALDER, C. A percepção do professor de educação infantil sobre o desenho da criança. Educação e Filosofia, v. 13, n. 26, 1999.

SILVA, S. M.; OSTETTO, L. Argila: materialidade e experiência estética na educação infantil. Revista Zero-a-Seis, v. 24, 2022.

SUEUR, C.; MARTINET, L.; BELTZUNG, B.; PELÉ, M. Making drawings speak through mathematical metrics. arXiv preprint, 2021.

TAMANÁ, L. M. NASCIMENTO, R. Art o desenho como instrumento pedagógico. Revista de Comunicação Científica, v. 1, n. 13, 2023.

TAVARES, L. R. ;BARBOSA, A. M. Sobre formação estética e docência. ResearchGate, 2018.

TOZATO, S. T.; SILVA, D. F. Práticas pedagógicas inclusivas: o desenho infantil como recurso. Revista Brasileira de Educação, v. 27, 2022.

VICENTE, L. C.; UJIE, C. H. A importância do desenho no desenvolvimento emocional infantil. Revista Educação e Pesquisa, v. 48, 2022.

VILAR, D. O papel da inteligência artificial no diagnóstico e tratamento do autismo e TDAH. 2025.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.